CAPÍTULO 14

O PAPEL DO CORPO E DO ESPAÇO NA CONSTRUÇÃO DO SIGNIFICADO EM LIBRAS: CORPOREIDADE, ESPACIALIDADE E CONCEPTUALIZAÇÃO

https://doi.org/10.68044/8dkzf781

Marcia Francisca Diogo Rodrigues [1]
Mestranda em Educação pela Universidade de Brasília (UnB)

RESUMO: Este artigo discute o papel do corpo e do espaço na construção do significado em Língua Brasileira de Sinais (Libras), com ênfase na corporeidade, na espacialidade e nos processos de conceptualização. A pesquisa, de natureza bibliográfica e abordagem qualitativa, articula estudos sobre Linguística Cognitiva, iconicidade, esquemas imagéticos, espaços mentais, expressões não manuais e narrativas sinalizadas. Argumenta-se que o corpo do sinalizante não funciona apenas como suporte articulatório, pois participa ativamente da estruturação semântica, da referenciação e da projeção de conceitos. Do mesmo modo, o espaço de sinalização constitui um domínio linguístico e cognitivo em que referentes, relações e perspectivas são organizados visualmente. A análise das fontes evidencia que experiências sensório-motoras, movimentos, orientação, olhar, expressões faciais e organização espacial contribuem para a conceptualização de sentidos concretos e abstratos. Conclui-se que corporeidade e espacialidade são dimensões constitutivas da produção de significado em Libras e de sua natureza visual-espacial como língua natural complexa.

Palavras-chave: Libras; Corporeidade; Espacialidade; Conceptualização.

INTRODUÇÃO

A construção do significado na Língua Brasileira de Sinais (Libras) demanda uma compreensão que ultrapasse a identificação isolada de sinais manuais. Por se tratar de uma língua de modalidade visual-espacial, a produção linguística se realiza em uma articulação integrada entre mãos, corpo, face, direção do olhar, movimento e espaço. Nessa configuração, a materialidade corporal não constitui um suporte neutro sobre o qual um conteúdo previamente formado seria simplesmente colocado. Ao contrário, ela participa da própria organização da experiência linguística, oferecendo recursos para delimitar referentes, estabelecer relações, marcar perspectivas e tornar visíveis aspectos de conceitos concretos e abstratos. Estudos recentes sobre corporeidade em Libras indicam que os sentidos emergem da interação entre recursos corporais, espaciais e culturais, de modo que a análise semântica precisa considerar o funcionamento conjunto desses elementos (Silva; Machado, 2025, p. 93-102; Francisco; Bourguignon; Castro Júnior, 2025, p. 390-394).

A perspectiva cognitiva é particularmente produtiva para esse debate porque considera a conceptualização como processo relacionado à experiência do sujeito no mundo. Carneiro (2016, p. 106-108) mostra que a compreensão não se reduz a uma operação abstrata e desincorporada: ela mobiliza experiências motoras, sensoriais e emotivas, além do contexto físico, linguístico, social e

cultural. Em estudo voltado à iconicidade em Libras, Santos (2017, p. 419-420) também associa a emergência de significados à relação entre cognição, corpo, cultura e experiência. Essas formulações permitem compreender que, em Libras, o espaço não é apenas cenário para a execução dos sinais, assim como o corpo não é apenas aparelho articulador. Corpo e espaço participam da constituição dos construtos semânticos e da forma pela qual o mundo é recortado, perspectivado e linguisticamente apresentado.

Diante desse quadro, formula-se a seguinte questão: de que maneira o corpo e o espaço participam da construção do significado em Libras quando considerados sob as noções de corporeidade, espacialidade e conceptualização? A pergunta orienta uma leitura que articula diferentes fenômenos tratados nas fontes selecionadas: experiência corporal, iconicidade, esquemas imagéticos, orientação, espaços mentais, expressões não manuais, incorporação e organização narrativa. O interesse não está em reduzir todos esses fenômenos a um único mecanismo, mas em identificar um princípio convergente: os sentidos em Libras podem ser estruturados por relações perceptivo-motoras e espaciais que se materializam linguisticamente. Nesse sentido, a forma visível do enunciado integra o modo como o conceito é apresentado e compreendido.

O objetivo geral deste artigo é analisar o papel do corpo e do espaço na construção do significado em Libras, relacionando

corporeidade, espacialidade e conceptualização. Como objetivos específicos, busca-se discutir a base corporal da construção semântica; examinar o espaço de sinalização e os espaços mentais como recursos de organização discursiva; relacionar esquemas imagéticos e metáforas à experiência sensório-motora; compreender a contribuição da iconicidade para a associação entre forma e significado; e observar o papel das expressões não manuais, da incorporação e da organização espacial em construções narrativas. O recorte privilegia estudos brasileiros que descrevem fenômenos da Libras ou que, ao comparar modalidades sinalizadas, oferecem elementos diretamente relevantes para a compreensão da língua brasileira de sinais.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa e caráter analítico-interpretativo. O corpus é constituído pelos artigos científicos disponibilizados para este estudo, selecionados por sua relação direta com corpo, espaço, iconicidade, conceptualização, expressões não manuais e produção de sentidos em Libras. A leitura foi organizada por eixos temáticos, buscando preservar os conceitos e resultados apresentados nas fontes e estabelecer relações entre eles. Foram considerados, entre outros, os trabalhos de Carneiro (2016), Xavier e Santos (2016), Santos (2017), Paiva *et al*. (2018), Souza e Fronza (2018), Nunes e Bernardo (2018), Albres *et al*. (2018), Anjos-Coimbra (2018), Nunes (2019), Florêncio e Milani (2022), Oliveira e Lessa-de-Oliveira (2022), Silva e Machado

(2025), Kendrick, Soares e Mattos (2025) e Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025).

REFERENCIAL TEÓRICO

Corporeidade e cognição na construção do significado

A noção de corporeidade permite deslocar a análise da linguagem de uma concepção em que o corpo é apenas executor para outra em que ele participa da constituição do sentido. Carneiro (2016, p. 106-107) descreve a concepção como um processo dinâmico que envolve experiências motoras, sensoriais e emotivas, bem como a apreensão de contextos físicos, linguísticos, sociais e culturais. Nessa perspectiva, a atividade mental permanece ligada à realidade física porque o cérebro integra um corpo que, por sua vez, se encontra inserido no mundo. A conceptualização, portanto, não ocorre em isolamento; ela se forma a partir de experiências recorrentes e de modos de percepção que influenciam a maneira pela qual objetos, ações, relações e estados são organizados cognitivamente.

Esse princípio ganha especial visibilidade nas línguas de sinais porque a relação entre experiência corporal e forma linguística pode materializar-se diretamente em movimentos, orientações, locações e expressões. Santos (2017, p. 419-420) argumenta que a relação do corpo com o mundo participa da estruturação da gramática e observa que a Linguística Cognitiva oferece condições favoráveis para analisar

fenômenos das línguas de sinais que articulam iconicidade, metáfora e experiências corporificadas. O corpo, nesse quadro, é simultaneamente lugar de percepção, referência espacial e recurso expressivo. A experiência corporal fornece padrões recorrentes a partir dos quais o sujeito pode construir esquemas mais abstratos e estabelecer relações entre domínios de experiência.

No campo da tradução e da interpretação, Silva e Machado (2025, p. 102) formulam essa questão de maneira explícita ao mostrar que a passagem para a Libras exige mobilização integrada de recursos corporais, visuais e espaciais. Os autores recusam uma visão segundo a qual o significado poderia ser preservado por mera correspondência lexical e destacam a necessidade de reconstruir o modo de dizer na modalidade visual-gestual:

> Nesse sentido, a transcriação se mostra adequada, por exigir que o tradutor-intérprete utilize o corpo de forma criativa, deixando emergir em seu processo de corporeidade, envolvendo expressões faciais, uso do espaço e construção visual de conceitos diversos para representar, em Libras, não apenas o que o texto diz, mas como ele diz. Nesse processo, o corpo não é somente um veículo da tradução, mas o próprio meio de construção do sentido. Traduzir para Libras não é simplesmente converter palavras de uma língua para outra, mas sim realizar um ato criativo e estético que exige do tradutor-intérprete sensibilidade, criticidade e domínio dos recursos corporais, visuais e espaciais. Como a Libras é uma língua visuo-gestual, ou seja, que depende do corpo, das expressões faciais e do espaço para se concretizar, é necessário que o profissional saiba

> lidar com esses elementos que ultrapassam a convencionalidade da língua (Silva; Machado, 2025, p. 102).

A passagem evidencia que o corpo não apenas transporta um significado constituído fora dele. Ao selecionar uma expressão facial, alterar a postura, direcionar o olhar ou explorar uma região do espaço, o sinalizante configura uma forma particular de apresentação do conteúdo. Isso significa que a corporeidade tem consequências semânticas: ela pode indicar intensidade, perspectiva, relação entre participantes, delimitação de um domínio ou organização de uma cena. A construção do significado decorre, portanto, da combinação entre estruturas convencionalizadas da língua e possibilidades de realização que fazem do corpo um componente ativo do enunciado. Essa interpretação é coerente com a conclusão de Silva e Machado (2025, p. 110), segundo a qual movimentos, expressões e espaço participam da reconfiguração de sentidos e conferem à produção sinalizada uma dimensão sensorial e experiencial.

Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025, p. 390-394) reforçam a dimensão cognitiva dessa corporeidade ao analisar sinais-termo em áreas de saúde e biossegurança. Os autores mostram que conceitos técnicos podem ser organizados por experiências perceptivo-motoras comuns, como conter, bloquear, proteger, interiorizar ou projetar para fora. Nesses casos, o corpo funciona como referência para relações topológicas e direcionais, contribuindo para

que conceitos abstratos adquiram uma configuração espacialmente interpretável. A corporeidade não elimina a convencionalidade linguística nem transforma os sinais em mera imitação. O que ela revela é que parte da motivação semântica pode emergir de experiências físicas compartilhadas e ser convencionalizada na língua.

Também no domínio lexical, Carneiro (2016, p. 104-108) identifica a relevância da experiência corporal e do input visual na formação de novos sinais. O autor relaciona os processos de concepção a esquemas de imagem derivados da experiência cotidiana e observa que percepção, movimento corporal e manipulação de objetos organizam a atividade mental. Dessa forma, a elaboração de um sinal pode destacar propriedades percebidas no referente e associá-las a formas articulatórias visualmente disponíveis. O significado resulta de uma seleção perspectivada: não é necessário reproduzir tudo o que compõe um objeto, mas eleger traços considerados relevantes para uma comunidade e codificá-los por recursos da língua.

Compreender a corporeidade como dimensão constitutiva permite ainda evitar duas simplificações. A primeira seria imaginar que toda forma visual é automaticamente transparente e universal; a segunda, tratar o corpo como um recurso expressivo opcional, exterior à estrutura. Os estudos examinados mostram posição intermediária mais consistente: a experiência corporal oferece motivações e esquemas de organização, mas esses recursos são submetidos a

processos linguísticos, culturais e convencionais. Nunes e Bernardo (2018, p. 114-116) lembram que a construção de significado também depende da realidade cultural em que a língua é produzida. Desse modo, corpo, cognição e cultura não funcionam como instâncias independentes, mas como dimensões articuladas na conceptualização.

Espaço de sinalização, referenciação e organização discursiva

Se o corpo constitui um centro de referência, o espaço no qual a sinalização se realiza não pode ser concebido como vazio indiferenciado. Oliveira e Lessa-de-Oliveira (2022, p. 263-265) definem o espaço de sinalização como o espaço tridimensional em que os sinais são produzidos e observam que ele também é denominado espaço neutro ou espaço de enunciação. Localizado à frente do corpo do emissor e delimitado pelas possibilidades articulatórias, esse campo participa da realização dos sinais e pode sofrer alterações em função da modalidade perceptiva. A descrição da Libras tátil apresentada pelas autoras é especialmente esclarecedora, porque a redução do campo de sinalização decorrente da percepção pelo tato produz ajustes articulatórios e evidencia que a configuração espacial possui relevância linguística.

Essa função aparece com clareza nos estudos sobre espaços mentais. Kendrick, Soares e Mattos (2025, p. 123-130) analisam uma história infantil traduzida para Libras e mostram que a produção

imagética no espaço de enunciação, a utilização do corpo como referência e a articulação de processos dêitico-anafóricos são componentes centrais da construção narrativa. Os autores distinguem usos de espaço mental real, token e sub-rogado e observam que a sinalização pode alternar entre diferentes modos de representar pessoas, objetos e ações. Tal alternância não é aleatória: ela organiza a perspectiva discursiva e permite ao interlocutor acompanhar quem age, onde se localiza e como se relaciona com os demais elementos da cena.

Ao examinar as ocorrências da narrativa, os autores mostram como classificadores, movimento corporal, expressão facial e incorporação enriquecem o modo de construir a cena. A descrição da passagem entre espaço token e espaço sub-rogado exemplifica a integração entre corpo e espaço:

> Nas sentenças analisadas há prevalência dos usos do espaço mental token. A tradutora utiliza-se dos Classificadores de forma abundante, isso resultou na utilização deste espaço em maior quantidade, há passagem do uso de um espaço mental token para espaço mental sub- rogado de forma suave e com transição pontual, percebe-se isso com clareza no Momento 1, "(18" a 20") - O BALANÇO em movimento, com a configuração de mão que representa uma PESSOA SENTADA a se balançar.; (20" a 22") - Marca o gênero MENINA, com o sinal e traz para seu corpo o movimento de BALANÇAR". Os detalhes incorporados pela tradutora possibilitam a produção imagética de uma criança a se balançar, remetendo em sua expressão corporal a ação de balançar, por meio do

> movimento e a expressão facial que retrata a leveza do brincar em um balanço, a tradutora empresta seu corpo para trazer a personagem para o presente e, assim, vivenciar a cena, utilizando-se do espaço mental sub-rogado para realizar esta construção visual. Uma construção apenas utilizando os sinais [MENINA + SENTAR + BALANÇAR] não traria a mesma riqueza na construção de sentido (Kendrick; Soares; Mattos, 2025, p. 136).

O excerto demonstra que a construção semântica da narrativa depende de uma rede de pistas simultâneas. Um referente inicialmente representado por uma configuração de mão pode ser posteriormente incorporado pelo corpo do sinalizante; o olhar, a cabeça, o tronco e a direção dos movimentos contribuem para a mudança de perspectiva. Na página seguinte, Kendrick, Soares e Mattos (2025, p. 137) registram que o espaço sub-rogado é marcado por processos anafóricos, movimentos do tronco e da cabeça e direção do olhar, permitindo distinguir personagens durante os diálogos. O espaço é, assim, uma memória discursiva visível: uma vez estabelecidas determinadas relações, retomadas e deslocamentos passam a ter valor interpretativo.

A noção de espaço mental ajuda a compreender por que a mesma região física à frente do corpo pode adquirir valores discursivos distintos. Um ponto pode representar um personagem ausente; outra região pode delimitar um objeto; o corpo do enunciador pode passar a assumir a perspectiva de uma personagem; uma

trajetória pode representar deslocamento no mundo narrado. O valor não está simplesmente na coordenada espacial, mas na associação entre essa coordenada e um referente previamente estabelecido. Dessa maneira, a espacialidade combina estabilidade e dinamismo: certas localizações precisam manter coerência para sustentar a referenciação, enquanto o corpo e o olhar podem reorganizar o centro perspectivo do enunciado.

Desse modo, o espaço de sinalização pode ser compreendido em três planos articulados. É um espaço articulatório, porque nele mãos e corpo produzem formas linguísticas; é um espaço referencial, porque posições são associadas a entidades e retomadas; e é um espaço conceptual, porque relações abstratas podem ser organizadas por localização, direção e movimento. Esses planos se sobrepõem durante o uso efetivo da língua. A construção de significado decorre da capacidade de combinar recursos convencionais com a organização momentânea do discurso, tornando visíveis relações que, em línguas de outra modalidade, podem ser codificadas prioritariamente por mecanismos lineares.

Esquemas imagéticos, metáfora e conceptualização espacial

A relação entre experiência corporal e organização espacial torna-se particularmente evidente na teoria dos esquemas imagéticos. Nunes (2019, p. 29-31) investiga sinais da Libras cuja produção

apresenta motivações metafóricas associadas a padrões como CICLO, ESCALA e CONTÊINER. A autora mostra que conceitos abstratos podem ser estruturados a partir de regularidades espaciais e de força reconhecidas na experiência cotidiana. Em citação de citação presente no corpus, Nunes (2019, p. 33 *apud* Florêncio; Milani, 2022, p. 28) é retomada ao relacionar os sinais GOSTAR e NÃO-GOSTAR ao esquema imagético CONTÊINER, associando a direção da palma para dentro ou para fora do corpo a valores conceptuais opostos. A referência secundária evidencia que a espacialidade não se limita ao enunciado produzido: ela também participa da organização conceptual que torna certos mapeamentos possíveis.

Santos (2017, p. 424-425) desenvolve essa relação ao discutir esquemas vinculados à simetria corporal, ao movimento no espaço e à experiência com recipientes. Seu argumento mostra como noções de frente e atrás, interior e exterior, cima e baixo ou próximo e distante se apoiam na configuração do corpo e na interação com o ambiente. O autor sintetiza essa articulação da seguinte maneira:

> Essa experiência repetida muitas vezes em nossa vida fornece-nos o esquema imagético TRAJETÓRIA, representado pela ilustração 1.a. De forma semelhante, devido aos nossos corpos serem como são, principalmente por seu aspecto simétrico – lado direito e lado esquerdo, frente e atrás, interior e exterior, cima e baixo – agregado à nossa percepção e manipulação de objetos no espaço, possuímos vários esquemas imagéticos relacionados a essas experiências:

> FRENTE-ATRÁS, PRÓXIMO-DISTANTE, CIMA-BAIXO, LADO ESQUERDO-LADO DIREITO etc. Nossas experiências diariamente repetidas com objetos em forma de recipiente também proporcionam outros esquemas corporificados. Esses objetos podem ser caixa, copo, jarros, quartos, salas, casas, sacolas entre outros (Santos, 2017, p. 425).

A consequência teórica é significativa: categorias espaciais derivadas da experiência podem ser mobilizadas para conceptualizar domínios que não são, em si mesmos, espaciais. Santos (2017, p. 425) exemplifica essa operação ao mostrar uma organização metafórica do tempo em localizações distintas do espaço, tendo o corpo do enunciador como referência. O padrão FRENTE-ATRÁS permite relacionar futuro e passado a posições espaciais. O interesse dessa análise para a Libras está em reconhecer que a espacialização conceptual pode coincidir com uma espacialização articulatória, fazendo com que o mapeamento metafórico seja materializado no próprio campo de sinalização. Nesse caso, espaço conceptual e espaço linguístico se tornam fortemente interdependentes.

Nunes (2019, p. 31-33) identifica processo semelhante em sinais cuja orientação contribui para oposições semânticas. A autora examina, entre outros, pares associados às metáforas BOM É PARA CIMA e RUIM É PARA BAIXO, além de construções em que movimentos para dentro e para fora do corpo se relacionam ao esquema CONTÊINER. A orientação deixa, portanto, de ser vista

apenas como parâmetro formal: em determinados sinais, ela participa da motivação cognitiva da construção. O corpo funciona como limite de um interior e um exterior, enquanto a direção do movimento pode acionar interpretações ligadas a ingresso, retenção, rejeição ou saída.

Florêncio e Milani (2022, p. 27-29) aprofundam o esquema do contentor ao aproximar Linguística Cognitiva e análise semiótica de um poema sinalizado. Os autores consideram os esquemas imagéticos estruturas corporificadas pré-conceptuais, vinculadas a padrões sensório-motores recorrentes, e observam que mapeamentos como DENTRO É BOM e FORA É RUIM podem ser textualizados no plano da expressão da Libras. A contribuição do estudo está em mostrar que um esquema não precisa permanecer como abstração teórica: ele pode deixar marcas organizacionais na forma do texto sinalizado. Movimento, orientação e distribuição espacial passam a participar da oposição de conteúdos e da progressão de sentidos.

A conceptualização espacial não significa, entretanto, que haja uma correspondência fixa e universal entre uma direção e um sentido. A experiência oferece padrões potenciais, mas os usos linguísticos são convencionados e culturalmente situados. Nunes e Bernardo (2018, p. 113-116) demonstram essa dimensão ao analisar sinais religiosos e mostrar que processos metafóricos e metonímicos dependem de experiências culturais compartilhadas. O espaço e seus eixos podem favorecer determinadas associações, mas a interpretação exige

conhecimento dos domínios socioculturais relevantes. Desse modo, os esquemas imagéticos funcionam como estruturas de organização que interagem com convenções lexicais, práticas comunitárias e contextos discursivos.

Iconicidade, construção lexical e relação entre forma e significado

A iconicidade constitui outro eixo importante para compreender como corpo e espaço participam do significado. Em vez de ser tratada como simples semelhança entre sinal e objeto, ela pode ser analisada como uma relação motivada entre formas linguísticas, imagens mentais e aspectos selecionados de um referente. Carneiro (2016, p. 104-106) observa que a experiência corporal e o input visual influenciam processos de ampliação lexical e que o caráter icônico pode tornar mais transparente a relação entre forma e significado. Essa transparência, contudo, não é total. A comunidade linguística seleciona determinados traços, organiza-os e os convencionaliza em formas que passam a integrar o léxico.

Xavier e Santos (2016, p. 60-69) oferecem um modelo útil para descrever esse percurso. Com base na análise da criação de termos técnicos em Libras, os autores apresentam três momentos: seleção imagética, esquematização e codificação. Na seleção, elege-se uma imagem mental relacionada ao conceito; na esquematização,

preservam-se relações estruturais consideradas relevantes; na codificação, escolhem-se recursos articulatórios capazes de realizar linguisticamente o esquema. A análise mostra que a iconicidade é um processo, e não uma cópia automática. Diferentes comunidades ou grupos podem escolher traços distintos de um mesmo referente, e fatores perceptuais, articulatórios e culturais influenciam a forma final do sinal.

A análise de sinais técnicos realizada por Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025, p. 390) oferece um exemplo detalhado desse funcionamento. No sinal para "barreira de contenção", os autores descrevem mãos posicionadas diante do corpo, movimento que sugere bloqueio e uma divisão simbólica entre interior protegido e exterior ameaçador. A espacialidade transforma uma noção técnica em uma configuração perceptível e funcional:

> O espaço de realização do sinal, situado no plano neutro à frente do tórax, adquire função simbólica ao operar como um referencial topológico. O corpo do sinalizante passa a representar o "interior" a ser resguardado, enquanto o espaço externo, que se projeta à frente das mãos, assume a conotação do "fora", entendido como uma possível ameaça. Essa organização espacial reforça a metáfora da barreira como uma zona de contenção que atua para preservar a integridade de um determinado território simbólico – neste caso, o próprio corpo. Do ponto de vista da iconicidade, o sinal é altamente motivado. Sua forma e movimento reproduzem visualmente a função daquilo que representa, promovendo uma correspondência direta entre a

> estrutura do gesto e o conceito de contenção (Francisco; Bourguignon; Castro Júnior, 2025, p. 390).

O exemplo mostra que o corpo pode funcionar simultaneamente como suporte articulatório, referência topológica e domínio conceptual. O tórax delimita um interior; as mãos estabelecem uma fronteira; o movimento sugere força de bloqueio; o espaço externo assume valor relacional. Em análise posterior do sinal "imunidade", Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025, p. 392-394) identificam um esquema fonte-caminho-meta e ressaltam que o corpo se torna cenário e agente do significado. A forma visual não representa literalmente células ou processos microscópicos; ela cria uma estrutura acessível à percepção que organiza o conceito por meio de experiências de proteção, força e interioridade.

Nunes e Bernardo (2018, p. 114-118) acrescentam que a iconicidade precisa ser examinada em relação à cultura. Em sinais religiosos, uma direção, um ponto de articulação ou a seleção de um objeto pode ativar conhecimentos compartilhados por determinado grupo. O significado não decorre apenas da semelhança perceptiva, mas da capacidade de um elemento visual funcionar como gatilho para um domínio conceptual. Isso significa que a iconicidade é cognitiva e culturalmente interpretada: a forma seleciona e destaca um aspecto do referente ou de uma prática, mas a leitura desse aspecto depende de repertórios convencionais.

A mesma cautela vale para narrativas e traduções. Albres *et al*. (2018, p. 5) mostram que ilustrações podem motivar a reorganização da sinalização, contribuindo para estabelecer referentes locais, posicionar personagens e caracterizar objetos antropomorfizados. O dado reforça a ideia de que recursos visuais externos não são simplesmente reproduzidos; eles são convertidos em escolhas linguísticas e espaciais. O sinalizante precisa decidir que aspecto será incorporado, onde o referente será localizado e como a continuidade da cena será mantida. A iconicidade, portanto, interage com referenciação, perspectiva e estrutura discursiva.

Expressões não manuais e simultaneidade corporal

A centralidade do corpo na construção do significado torna-se ainda mais evidente quando se consideram as expressões não manuais. Paiva *et al*. (2018, p. 1136) afirmam que "as expressões faciais participam da construção do significado nas LS" e demonstram que movimentos do corpo e expressões faciais podem diferenciar itens lexicais, participar da construção sintática e contribuir para processos de intensificação. Essa constatação impede que a descrição da Libras se concentre exclusivamente nas mãos. Rosto, cabeça e tronco integram a produção linguística e podem modificar o valor interpretativo de um enunciado.

Souza e Fronza (2018, p. 436-437) sistematizam estudos sobre expressões não manuais e lembram que, na configuração gesto-visual, movimentos de cabeça, tronco, ombros e diferentes regiões da face coocorrem com as marcações manuais. A simultaneidade é um aspecto decisivo. Enquanto as mãos realizam um sinal ou uma sequência, a face pode marcar modalidade, o olhar pode selecionar um referente espacial, o tronco pode indicar mudança de perspectiva e a cabeça pode contribuir para negação, pergunta ou ênfase. O significado resulta da composição dessas camadas, e não da soma tardia de elementos independentes.

Paiva *et al*. (2018, p. 1137-1138) descrevem expressões materializadas no rosto, na cabeça e no tronco e indicam que elas podem desempenhar funções sintáticas e fonológicas, além de marcar intensidade. O estudo mostra que a expressão não manual pode atuar em diferentes níveis e que sua presença precisa ser analisada em relação ao enunciado completo. Isso é relevante para a questão da corporeidade porque o corpo não apenas fornece um local de articulação: ele distribui informação simultaneamente por diferentes canais visuais. A face e o tronco não são acessórios expressivos acrescentados a um sinal "principal"; em muitos contextos, são componentes necessários à interpretação.

Essa simultaneidade também possui efeito sobre a densidade informacional do enunciado. Uma língua visual-espacial pode

articular, no mesmo intervalo temporal, configuração manual, trajetória, orientação, expressão facial, posição corporal e direcionamento do olhar. Cada componente pode contribuir para a construção de relações semânticas e pragmáticas. O resultado não deve ser descrito como simples "economia" de sinais, mas como uma forma própria de organização linguística. Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025, p. 393-394) destacam que o sentido em Libras envolve mãos, rosto, espaço ao redor do corpo, visão e organização espacial, revelando uma estrutura profundamente visual, espacial e sensorial.

A análise das expressões não manuais reforça, portanto, a necessidade de uma concepção ampliada de corporeidade. O corpo linguístico inclui diferentes articuladores e modos de alinhamento que operam em conjunto. A face pode graduar intensidade; o tronco pode criar contraste perspectivo; a cabeça pode marcar modalidade; os olhos podem estabelecer e recuperar pontos no espaço. Em termos cognitivos, esses recursos ajudam a direcionar a atenção do interlocutor e a construir um modo de acesso ao evento conceptualizado. Em termos linguísticos, integram padrões convencionais que precisam ser aprendidos e reconhecidos pelos usuários da língua.

Corpo, espaço e construção de cenas em narrativas sinalizadas

As narrativas sinalizadas constituem um domínio privilegiado para observar a articulação entre corporeidade e espacialidade porque exigem manutenção de personagens, objetos, ações e perspectivas ao longo do tempo. Albres et al. (2018, p. 5) analisam o antropomorfismo em uma tradução de literatura infantil e mostram que descrição, narração e incorporação de elementos visuais reorganizam a produção em Libras. As ilustrações do texto de partida colaboram para o estabelecimento de referentes locais e para o posicionamento de personagens, mas a tradução sinalizada precisa reconstruir essas relações no corpo e no espaço do tradutor. O resultado não é simples reprodução de uma imagem estática, e sim uma cena linguisticamente organizada.

Anjos-Coimbra (2018, p. 121-122) descreve o antropomorfismo como processo que explora o corpo e seus membros para expressar aparências, sentimentos e comportamentos de referentes não humanos. A autora distingue esse processo de uma mímica ampla e observa que a narrativa em língua de sinais pode alternar incorporações por mudanças no espaço de sinalização e na direção do olhar. O corpo torna-se, então, um lugar temporário de personagens e objetos conceptualizados. Ao modificar postura, olhar e posição, o contador não apenas “representa” uma figura; ele estabelece um novo centro de perspectiva e orienta o interlocutor sobre como aquela entidade deve ser integrada à cena.

A incorporação evidencia a natureza perspectivada da conceptualização. Um mesmo evento pode ser construído de fora, com classificadores que distribuem participantes no espaço, ou de dentro, quando o corpo do sinalizante assume a perspectiva de uma personagem. Kendrick, Soares e Mattos (2025, p. 136-137) identificam precisamente essa alternância ao analisar a passagem de um espaço token para um espaço sub-rogado. A construção visual é enriquecida quando o corpo "empresta" movimento e expressão à personagem. A escolha entre representar uma entidade por um ponto espacial, por uma configuração classificadora ou por incorporação modifica o modo como o evento é apresentado, embora mantenha coerência referencial.

A análise de histórias infantis por Kendrick, Soares e Mattos (2025, p. 137) mostra ainda que classificadores, expressões faciais e corporais, marcação de olhar, posição da cabeça, movimento do tronco, apontamentos e usos de espaços mentais atuam de forma coordenada. Essa enumeração é importante porque revela que a produção de uma cena envolve uma arquitetura multimodal. O referente precisa ser introduzido, localizado e retomado; a ação precisa ganhar trajetória; a mudança de personagem precisa ser marcada; a emoção precisa ser perceptível; e a continuidade narrativa precisa ser preservada. A corporeidade e a espacialidade fornecem os recursos para realizar essas operações de maneira visualmente integrada.

As narrativas tornam visível, por fim, a dimensão cultural da construção do significado. Nunes e Bernardo (2018, p. 114-116) ressaltam que a conceptualização se articula a modelos socioculturais, e Anjos-Coimbra (2018, p. 114-135) situa os processos estético-linguísticos em práticas da Literatura Surda. O sentido produzido corporal e espacialmente é compartilhado dentro de uma história de usos, convenções e experiências comunitárias. Por isso, a análise do corpo em Libras não deve ser reduzida a gestualidade genérica. Trata-se de um corpo linguístico e culturalmente situado, cuja atuação no espaço é organizada por recursos da língua e por repertórios de significação construídos socialmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida permite concluir que corpo e espaço constituem dimensões centrais da construção do significado em Libras. A corporeidade não se restringe à execução material dos sinais, pois participa da conceptualização, da referenciação, da orientação de perspectiva e da expressão de relações semânticas. O espaço, por sua vez, não funciona apenas como cenário tridimensional no qual os sinais aparecem; ele pode assumir funções articulatórias, referenciais, discursivas e conceptuais. Essa integração ajuda a explicar por que movimentos, orientações, locações, expressões faciais, olhar e

posicionamento corporal precisam ser considerados conjuntamente na descrição do sentido.

Os estudos sobre base corporal da linguagem mostram que experiências perceptivo-motoras fornecem padrões para organizar conceitos. Em Libras, esquemas como TRAJETÓRIA, CONTÊINER, ESCALA e FRENTE-ATRÁS podem ser materializados por relações espaciais visíveis, fazendo com que a organização conceptual dialogue diretamente com a modalidade de produção da língua. Nunes (2019), Santos (2017), Carneiro (2016) e Florêncio e Milani (2022) demonstram, por caminhos distintos, que metáforas e esquemas imagéticos permitem compreender como experiências corporais recorrentes podem estruturar sentidos abstratos sem reduzir a língua a representações concretas ou miméticas.

A espacialidade mostrou-se igualmente decisiva para a organização discursiva. Oliveira e Lessa-de-Oliveira (2022) evidenciam o caráter tridimensional e linguisticamente delimitado do espaço de sinalização, enquanto Kendrick, Soares e Mattos (2025) mostram como espaços mentais, dêixis, anáfora, classificadores e incorporação organizam uma narrativa. A possibilidade de estabelecer referentes em pontos do espaço e recuperá-los por apontamento, olhar ou mudança de posição revela que o espaço funciona como uma memória discursiva estruturada. O corpo pode deslocar o centro

perspectivo do enunciado, permitindo ao sinalizante alternar entre narrador e personagem ou entre diferentes participantes de uma cena.

Também se verificou que a iconicidade deve ser tratada como processo linguístico e cognitivo, e não como transparência automática. Xavier e Santos (2016) mostram que a criação de sinais envolve seleção imagética, esquematização e codificação, enquanto Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025) evidenciam como experiências de proteção, interioridade e força podem motivar a construção de sinais técnicos. A forma pode manter relações perceptíveis com o conceito, mas essas relações são selecionadas, convencionalizadas e interpretadas em contextos culturais específicos. Nunes e Bernardo (2018) reforçam esse ponto ao demonstrar que a compreensão da motivação de determinados sinais depende do conhecimento da realidade cultural em que são produzidos.

As expressões não manuais confirmam que a construção de significado é distribuída pelo corpo. Paiva et al. (2018) e Souza e Fronza (2018) mostram que face, cabeça, ombros e tronco podem participar de funções lexicais, fonológicas, sintáticas e discursivas. Em narrativas, essas marcas se articulam ao espaço e ao olhar para indicar personagens, intensidade, modalidade e perspectiva. Consequentemente, uma descrição da Libras centrada apenas nas mãos perde parte importante da informação linguística e enfraquece a compreensão de sua simultaneidade visual.

Diante disso, sustenta-se que corporeidade, espacialidade e conceptualização devem ser tratadas como dimensões interdependentes na investigação da Libras. O corpo oferece experiências e pontos de referência; o espaço permite organizar e projetar relações; a conceptualização integra esses elementos a conhecimentos linguísticos e socioculturais. Essa compreensão contribui para pesquisas linguísticas, para o ensino de Libras, para a formação de tradutores e intérpretes e para a produção de materiais que respeitem a modalidade visual-espacial. Estudos futuros podem aprofundar comparações entre diferentes gêneros discursivos, variações regionais e contextos de uso, observando como mudanças de modalidade, finalidade comunicativa e repertório cultural afetam a forma pela qual corpo e espaço participam da construção do significado.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva Aquino; AMBROZIO, Aline Nascimento; ALENCAR, Simone Caldeira; NASCIMENTO, Valdinéia Aparecida. Quando o corpo dá vida aos objetos: antropomorfismo na tradução para língua brasileira de sinais. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 5-19, 2018. DOI: 10.5216/rs.v3i1.52049. Disponível em: https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/52049. Acesso em: 1 set. 2026.

ANJOS-COIMBRA, Sofia Oliveira Pereira. Antropomorfismo e o espaço metafórico nas narrativas literárias em língua de sinais.

Revista Sinalizar, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 114-135, 2018. DOI: 10.5216/rs.v3i1.37158. Disponível em: https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/37158. Acesso em: 3 set. 2026.

CARNEIRO, Bruno Gonçalves. Ampliação lexical da Libras: aspectos icônicos. **Revista Leitura**, Maceió, v. 1, n. 57, p. 104-119, jan./jun. 2016. DOI: 10.28998/2317-9945.201657.104-119. Disponível em: https://doi.org/10.28998/2317-9945.201657.104-119. Acesso em: 5 jul. 2026.

FLORÊNCIO, Suelismar Mariano; MILANI, Sebastião Elias. Semiose do corpo: bases semióticas de esquemas imagéticos em LIBRAS. **Revista Linguística Rio**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 20-41, mar./jun. 2022. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/items/b57224e3-2980-45c9-ad52-4a68ba41ca06. Acesso em: 12 jul. 2026.

FRANCISCO, Gildete da S. Amorim Mendes; BOURGUIGNON, Saulo Cabral; CASTRO JÚNIOR, Gláucio de. Linguística cognitiva e estudos gramaticais da Libras: sinais técnicos em saúde e biossegurança. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 379-397, maio/ago. 2025. DOI: 10.31513/linguistica.2025.v21n2a68155. Disponível em: https://doi.org/10.31513/linguistica.2025.v21n2a68155. Acesso em: 5 set. 2026.

KENDRICK, Denielli; SOARES, Suellen Fernanda de Quadros; MATTOS, Alan Marlon de. Como os espaços mentais moldam a tradução em Libras de histórias infantis. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 123-140, maio/ago. 2025. DOI: 10.31513/linguistica.2025.v21n2a68106. Disponível em: https://doi.org/10.31513/linguistica.2025.v21n2a68106. Acesso em: 7 set. 2026.

NUNES, Valeria Fernandes. Parâmetro Orientação em Libras: investigando metáforas e esquemas imagéticos. **Signo**, Santa Cruz do

Sul, v. 44, n. 79, p. 29-37, jan./abr. 2019. DOI: 10.17058/signo.v44i79.12832. Disponível em: https://doi.org/10.17058/signo.v44i79.12832. Acesso em: 10 jul. 2026.

NUNES, Valeria Fernandes; BERNARDO, Sandra Pereira. Relações culturais e sinais religiosos em Libras: estudo de metáforas e de metonímias. **Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 113-123, 2018. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/1110. Acesso em: 17 jul. 2026.

OLIVEIRA, Émile Assis Miranda; LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso. O espaço de sinalização na Libras tátil. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 263-282, abr. 2022. DOI: 10.21165/el.v51i1.3333. Disponível em: https://doi.org/10.21165/el.v51i1.3333. Acesso em: 9 set. 2026.

PAIVA, Francisco Aulísio dos Santos et al. Análise do papel das expressões não manuais na intensificação em Libras. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 34, n. 4, p. 1135-1158, 2018. DOI: 10.1590/0102-445069907579551549. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0102-445069907579551549. Acesso em: 11 set. 2026.

SANTOS, Cristian. Ícones metaforizados e iconicidade em Libras. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 59, n. 2, p. 419-437, maio/ago. 2017. DOI: 10.20396/cel.v59i2.8648382. Disponível em: https://doi.org/10.20396/cel.v59i2.8648382. Acesso em: 18 jul. 2026.

SILVA, Rafael Monteiro da; MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 93-113, maio/ago. 2025. DOI: 10.31513/linguistica.2025.v21n2a68252. Disponível em:

https://doi.org/10.31513/linguistica.2025.v21n2a68252. Acesso em: 2 set. 2026.

SOUZA, Diego Teixeira de; FRONZA, Cátia de Azevedo. Estudos sobre expressões não-manuais da Libras: constatações e perspectivas. **Linguagens - Revista de Letras**, Artes e Comunicação, Blumenau, v. 12, n. 3, p. 436-455, set./dez. 2018. DOI: 10.7867/1981-9943.2018v12n3p436-455. Disponível em: https://doi.org/10.7867/1981-9943.2018v12n3p436-455. Acesso em: 8 set. 2026.

XAVIER, André Nogueira; SANTOS, Thyago. A iconicidade na criação de termos técnicos em Libras. **Revista Leitura**, Maceió, v. 1, n. 57, p. 60-103, jan./jun. 2016. DOI: 10.28998/2317-9945.201657.60-103. Disponível em: https://doi.org/10.28998/2317-9945.201657.60-103. Acesso em: 4 set. 2026.